



Escritas do medo: horror e sobrenatural na literatura

Michel Goulart da Silva¹

Este dossiê reúne um conjunto de textos que apresentam, a partir de perspectivas bastante diversas, reflexões das mais variadas acerca do horror e do sobrenatural na literatura.² A literatura de horror se baseia fundamentalmente na construção do medo, ou melhor, na narrativa de acontecimentos que provocam medo no leitor. O medo, “inerente à nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte” (DELUMEAU, 1993, p. 19). Na construção das narrativas, o medo é “uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação” (DELUMEAU, 1993, p. 23).

O medo foi um tema bastante recorrente ao longo de toda a história da literatura, sendo utilizado na construção de narrativas das mais variadas. Nessas obras,

o horror e o desconhecido, ou o estranho, mantêm sempre uma relação muito estreita, de modo que é difícil pintar um retrato convincente do esfacelamento das leis naturais ou da estranheza ou singularidade cósmica sem destacar a emoção do medo” (LOVECRAFT, 2009, p. 151).

Entendendo o horror em sentido amplo, pode-se identificar seus precursores em diferentes momentos históricos, como nas epopeias e nas tragédias clássicas gregas, bem como na obra medieval *Divina Comédia*, de Dante, considerado “um pioneiro na captura clássica da atmosfera macabra” (LOVECRAFT, 2008, p. 23). Na obra de William Shakespeare o medo e o sobrenatural são elementos que aparecem em diferentes narrativas, sendo possivelmente os mais emblemáticos as bruxas em *Macbeth* e a aparição do fantasma do pai de Hamlet. Nesse sentido, também os contos de fadas, que proliferaram nos séculos XVII e XVIII, mantêm relação com a produção de horror, na medida em que “traziam seres bizarros que representavam o mal que eram confrontados pelo herói antes de vencer no final”, em tramas que envolviam “magia, metamorfoses, encantamentos ou animais falantes” (MELO, 2011, p. 22).

¹ Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH/UDESC). Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua no Instituto Federal Catarinense (IFC).

² Nesta breve apresentação, será feita a indicação bastante panorâmica de algumas obras e escritores associados ao horror, sem a pretensão de realizar uma história pronta e acabada desse gênero literário.

O medo e o sobrenatural deixam de ser apenas elementos narrativos eventuais e passam a ser o centro das obras somente no final do século XVIII, por meio de obras associadas ao *gótico*. Essas obras “representaram uma volta ao passado feudal, provocada pela desilusão com os ideais racionalistas e pela tomada de consciência individual frente aos dilemas culturais que surgiram na Inglaterra a partir da metade final do século XVIII” (SÁ, 2010, p. 35). Nessa perspectiva, a obra gótica normalmente apontada como precursora do horror moderno é o romance *O Castelo do Otranto* (1764), de Horace Walpole. Nessa obra são apresentados elementos estéticos que viriam a ser utilizados em obras posteriores:

Essa nova parafernália dramática consistia, antes de tudo, do castelo gótico com sua antiguidade espantosa, vastas distâncias e ramificações, alas desertas e arruinadas, corredores úmido, catacumbas ocultas insalubres e uma galáxia de fantasmas e lendas apavorantes como núcleo de suspense e pavor demoníaco (LOVECRAFT, 2008, p. 28).

Nessas obras também são delineadas as características de alguns dos principais personagens, podendo-se destacar, entre outros,

o nobre tirânico e perverso como vilão; a heroína santa, muito perseguida e geralmente insípida que sofre os maiores terrores e serve de ponto de vista e foco das simpatias do leitor; o herói valoroso e sem mácula, sempre bem-nascido, mas frequentemente em trajés humildes (LOVECRAFT, 2008, p. 28).

O romance gótico viria a ganhar uma rápida difusão, destacando nomes como Ann Radcliffe e Matthew Gregory Lewis. Em meio ao grande sucesso de público, “o furor desencadeado pela ficção gótica ocasionou uma produção enorme, em sua maioria direcionada para a venda e com pouca preocupação pela inovação literária” (SÁ, 2010, p. 43-4). Posteriormente, essas produções, incorporando elementos mais complexos, como a influência do desenvolvimento da ciência ou a presença de monstros sobrenaturais, não demoraram a ganhar alguns dos seus mais conhecidos clássicos.

Em 1818, Mary Shelley publicou o romance *Frankenstein*, uma obra que viria exercer enorme influência não apenas na literatura de horror, mas também na ficção científica. No ano seguinte, John Polidori publicou o romance *O Vampiro*, considerado um “divisor de águas na literatura de vampiros”, na medida em que “estabeleceu importantes elementos que foram aproveitados ou modificados em subseqüentes criações artísticas”, como o fato de o vampiro não atacar “simplesmente visando o sangue, pois há a presença de um elemento erótico entre ele e sua vítima e os elementos eróticos ou libertinos ganham mais destaque na narrativa do que a necessidade de sangue” (SILVA, 2012, p. 26).

Nos Estados Unidos não demora a surgir nomes influenciados pelo gótico europeu, dos quais se destaca Edgar Allan Poe. O poeta e contista estadunidense trabalhou um conjunto de temas que viriam a ser comuns na literatura posterior de terror, como a loucura, e definiu muitas das características estéticas da literatura de horror, como o suspense (SILVA, 2011, p. 147-154).

Essas expressões literárias influenciaram as primeiras manifestações do gótico no Brasil. Essa influência é percebida na obra de Álvares Azevedo, como em *Noite na taverna*, onde, entre outros aspectos, se pode ver “relatos de ações violentas e imorais, românticas em suas dimensões trágicas, envolvendo adultério e crimes passionais, incesto e canibalismo” (CAUSO, 2003, p. 104). Embora a obra não apresente elementos sobrenaturais suficientes para projetá-la do alcance do horror, “seus componentes essenciais e suas propostas de efeito estão ali embrionárias, como em outros textos românticos de tendência semelhante” (CAUSO, 2003, p. 106). Essa influência do gótico também pode ser encontrada em algumas obras de José Alencar, como *O guarani*, se ela for abordada “enfocando o que há de sublime e dominicano na obra, salientando seus aspectos violentos e sexuais em detrimento da leitura que lhe destaca o traço épico e indianista” (SÁ, 2010, p. 135).

O romantismo na literatura europeia aos poucos foi perdendo espaço para o realismo e, posteriormente, para o naturalismo. Com isso, ainda que parte das principais obras do período em certa medida não tenham se valido do sobrenatural, não se deixou de lado o medo na literatura. Associadas especialmente ao naturalismo, foram produzidas algumas obras que colocavam em cena a crueldade manifesta pelos seres humanos, tendo no própria homem uma manifestação de monstro. Uma das obras mais lembradas desse período é *A besta humana* (1890), de Emile Zola. No Brasil, também se produziram obras que parecem ter influência dessa corrente, como alguns textos de Medeiros de Albuquerque.

No final do século XIX que se encontram alguns dos maiores clássicos europeus da literatura de terror. Em 1872, o escritor irlandês Joseph Sheridan Le Fanu deu vida a Carmilla, uma vampira lésbica, que personificava alguns dos maiores medos das famílias burguesas e aristocráticas do período. Nessa obra, “o ataque de Carmilla a meninas e moças pode ser interpretado como um ataque direto ao futuro da comunidade no sentido de que ao matar pessoas do sexo feminino a vampira priva esse grupo social daquelas responsáveis pela geração de novos membros” (SILVA, 2010, p. 26). Contudo, o vampiro ganharia sua personificação definitiva com a obra *Drácula* (1897), de Bram Stoker, com o qual “toda a produção vampírica do século passado e deste início de século ainda dialoga” (SILVA, 2012, p. 31). *Drácula* colocava em cena uma criatura sobrenatural que atacava as estruturas e o futuro das famílias tradicionais, ou seja,

com o passar do tempo e o gradual predomínio da ideologia patriarcal em detrimento de culturas onde a mulher exercia papel central, o mito do vampiro passou a ficar mais associado à transgressão das normas sociais (fundamentadas em um pensamento cristão e, por conseguinte, masculino). Suicidas, vítimas de morte brutal, filhos bastardos ou pessoas excomungadas eram candidatos a se tornarem vampiros (SILVA, 2010, p. 25).

Contemporâneas aos dois grandes clássicos vampíricos, são as obras *O Médico e o Monstro* (1886), do escritor escocês Robert Louis Stevenson, e *O retrato de Dorian Gray* (1890), do irlandês Oscar Wilde. No primeiro, um experimento científico faz com que o médico se transforme em um perigoso monstro. No segundo, um belo jovem troca sua alma pela possibilidade de não envelhecer.

Durante todo o século o horror e o sobrenatural aparecem em numerosas obras literárias. Possivelmente um de seus maiores nomes é H. P. Lovecraft, que construiu uma mitologia própria de monstros, tendo escrito suas principais obras nas décadas de 1920 e 1930.

Nas últimas três décadas do século XX, alguns escritores do gênero se tornaram *best sellers*, com destaque para o estadunidense Stephen King. Outro nome que se tornou bastante notável foi o inglês Clive Barker. Outros nomes também se destacaram nessas últimas décadas, como Peter Straub e William Peter Blatty. Segundo Causo (2003, p. 101), nessas últimas décadas, “o horror se voltou para o cotidiano, disposto a assumir a função de um espaço metafórico para os horrores mais reais que caminhavam em nossa rua”. Em função disso,

uma das formas mais modernas do horror é a *dark fantasy*. São narrativas que partem de um cotidiano contemporâneo, onde à primeira vista nada ocorre fora do normal. Paulatinamente um elemento fantástico - mágico, sobrenatural ou até mesmo pertencente aos temas da ficção científica - se intromete e vai construindo uma atmosfera de horror (CAUSO, 2003, p. 101).

Por este panorama pode-se verificar a vitalidade do gênero, hoje popularizado e difundido, construindo características e particularidade artísticas e estéticas. Por outro lado, o entrelaçamento com o cinema, que se dedicou a fazer numerosas adaptações das obras de maior sucesso, em grande medida ajudou a fortalecer o gênero. Pode-se afirmar que “o horror tornou-se um artigo básico em meio às formas artísticas contemporâneas, populares ou não, gerando quantidade de vampiros, duendes, diabretes, zumbis, lobisomens, crianças possuídas pelo demônio, monstros especiais de todos os tamanhos, fantasmas e outros” (CARROLL, 1999, p. 13). Contudo, persiste certa compreensão de que se trata de um gênero menor, como a literatura policial ou erótica, ainda que alguns escritores considerados canônicos tenham escrito obras do gênero e, inclusive, seja recorrente a citação de obras de horror em listas de obras literárias clássicas.

Os textos reunidos no presente dossiê mostram, por um lado, a complexidade histórica da literatura de horror, esboçada nesta apresentação, discutindo desde cânones como Shakespeare até produções do século XX, incluindo não apenas contos e romances, mas também manifestações do gênero na produção de histórias em quadrinhos. Por outro lado, ao tomar essas obras como objeto para o debate acadêmico, os textos mostram a complexidade dessas produções, seja por seus elementos estéticos, seja por encará-la como representação de momentos socioculturais específicos.

Bibliografia

CARROLL, Noël. **A filosofia do horror ou paradoxos do coração**. Campinas: Papirus, 1999.

CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção científica, horror e fantasia no Brasil (1875-1950)**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada.** São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural em literatura.** São Paulo: Iluminuras, 2008.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. Notas sobre a escrita de contos fantásticos. In: _____. **O chamado de Cthulhu e outros contos.** São Paulo: Hedra, 2009.
- MELO, Marcelo Marques. **Autópsia do horror: a personagem de terror no Brasil.** São Paulo: LCTE, 2011.
- SÁ, Daniel Serravalle de. **Gótico tropical: o sublime e o demoníaco em O guarani.** Salvador: UFBA, 2010.
- SILVA, Alexander Meireles da. Introdução. In: LE FANU, Sheridan. **Carmilla: a vampira de Karnstein.** São Paulo: Hedra, 2010.
- SILVA, Alexander Meireles da. Introdução. In: **Contos clássicos de vampiros.** São Paulo: Hedra, 2012.
- SILVA, Michel Goulart da. Edgar Allan Poe e a Modernidade. **Revista Espaço Acadêmico**, Vol. Nº10, Nº 118, p. 147-154, 2011.